

LEITURA, MÍDIA E ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA: REFLEXÕES TEÓRICAS

Diana Barbosa de Freitas (UFCG)
dianabarbosa146@gmail.com
Manassés Morais Xavier (Orientador – UFCG)
manassesmxavier@yahoo.com.br

1. INTRODUÇÃO

Unir o processo de leitura com os aparatos da mídia para comungar no ensino de Língua Portuguesa é o foco do Projeto de Extensão intitulado “Lendo blogs políticos nas aulas de Língua Portuguesa do ensino médio”. Projeto esse promovido pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) através do PROBEX. A extensão a ser realizada no período de Agosto à Novembro de 2014 terá o intuito de instigar nos alunos de ensino médio da Escola Estadual de Ensino Médio e Educação Profissional Dr. Elpídio de Almeida – PRATA a criticidade frente aos gêneros jornalísticos situados na mídia. Sob essa ótica, o Projeto em questão se baseará na visão dialógica da linguagem do Círculo de Bakhtin.

Concebendo a língua como interação, acreditamos que o ensino da leitura contribua eficazmente para a construção de um sujeito-aluno ativo, capaz de compreender a palavra sob um ponto de vista ideológico organizacional do discurso. Assim, neste artigo, através de uma pesquisa de cunho bibliográfico, objetivamos refletir sobre a relevância do trabalho com a leitura da mídia, em contexto de ensino-aprendizagem, para formação de sujeitos críticos e reflexivos. Para tanto, nos apoiaremos nas contribuições de estudiosos como Almeida (2013), Xavier e Nascimento (2010) e Fiorin (2008).

2. CONCEPÇÃO DE LEITURA E ENSINO DE LEITURA

Para o senso comum o ato de ler implica tão somente a decodificação de termos linguísticos, tendo uma visão da leitura como uma ação pronta e acabada. Essa acepção é transportada, na maioria das vezes, para o ensino da leitura no meio escolar. A consequência, como sabemos, é enxergar no aluno um sujeito passivo, que está apto a decodificar, memorizar e reproduzir o que lhes é transmitido. Acreditamos, porém, que esta visão de ensino de língua e mais especificamente de leitura não contribui para a aprendizagem do aluno. São por

essas razões que concordamos com as ideias de Almeida (2013) ao afirmar que no processo de leitura acionamos o autor que traça o seu dizer pensando no leitor e este, por sua vez, enquanto sujeito situado num dado espaço sociocultural, observa no texto não apenas as palavras já ditas, mas também as mensagens implícitas que o mesmo possui. Eis, então, que surge novos fatores que permeiam a leitura. A interação passa a acontecer entre autor/texto/ leitor. Com esta interação as possibilidades de interpretação podem ser inúmeras, visto que o leitor, carregado de ideologias, pode compreender e ver no texto elementos que não estão propriamente visíveis na materialidade linguística.

Possenti (1988) citado por Almeida (2013) nos apresenta os três estágios fundamentais da leitura. O primeiro deles, denominado de leitura filológica, tem o autor como o centro do saber. No segundo, o texto ocupa posição de destaque e no terceiro o leitor passa a fazer parte da tríade que interage na leitura. Para além disso, Almeida (2013) nos expõe a visão dialógica da linguagem. Nesta, a leitura é um processo de interação entre autor/leitor e texto, proporcionando ao aluno um nível elevado de compreensão acerca daquilo que é lido. Assim, o processo de leitura na sala de aula envolve o leitor, o texto e o professor, tendo a leitura como fator de construção de sentido. Logo, o professor não é apenas o transmissor de conteúdo, nem tampouco o aluno é apenas o receptor. Essa relação exige o conhecimento prévio de ambas as partes e o professor passa a ser um mediador em sala de aula, auxiliando na aprendizagem.

O ensino da língua – especificamente – da leitura, portanto, leva em consideração o trabalho com os gêneros discursivos, como aponta Bakhtin/ Volochinov, sendo necessário despertar no aluno a compreensão da língua em seu funcionamento. Nessa perspectiva, a escola deve atribuir o ensino da linguagem para as diversas situações comunicativas. E o professor é o meio pelo qual o aluno tem contato com as variadas situações de enunciação. As relações dialógicas durante a leitura possibilitam, assim, a construção de conhecimento. Sobre tais relações dialógicas Fiorin (2008) nos atenta que:

O enunciador, para constituir um discurso, leva em conta o discurso de outrem, que está presente no seu. Por isso, todo discurso é inevitavelmente ocupado, atravessado, pelo discurso alheio. O dialogismo são as relações de sentido que se estabelecem entre dois enunciados. (FIORIN, 2008, p. 19).

Compreendendo os gêneros discursivos como fontes dialógicas, é possível que o aluno atente para o atravessamento de enunciações presentes no discurso de

um dado enunciador, visto que, todo discurso é ocupado pelo discurso de outrem. Vendo o processo de leitura permeada pela dinamicidade, o sujeito aluno torna-se, também, construtor de sentidos.

3. A MÍDIA E SUAS MARCAS IDEOLÓGICAS

Pensar na leitura da mídia, implica considerar esta última como sendo uma fonte ideológica de poder. Sob essa ótica, podemos afirmar que a mídia (seja a do jornal impresso, da TV, do Rádio, da internet) funciona como um meio de construção social, uma vez que através dela os valores da sociedade se estabelecem.

Especialmente nos dias atuais, a mídia que ganha maior visibilidade é aquela que está ligada ao meio eletrônico. Com a ascensão do computador e conseqüentemente da internet, é raro conhecer pessoas que não tenham acesso ao mundo virtual. Logo, é possível dizer que o sujeito aluno constitui uma relação intrínseca com a mídia, em suas diferentes nuances, tornando-se um ser apto a interagir comunicativamente com a sociedade. Como afirma Pereira e Xavier (2007) citado por Xavier e Nascimento (2010):

Esses alunos são sujeitos que promovem interações através do discurso eletrônico e, nesse sentido, reconhecem a importância, seguida da necessidade, de hoje em dia se evidenciar ações de linguagem via computador. O uso da linguagem mediado pelo computador é uma realidade que chegou e já se consolidou nas práticas sociais (...) Esse fato nos faz corroborar a afirmação de que as práticas comunicativas, realizadas em ambiente virtual, estão cada vez mais tomando espaço e condicionando as pessoas a agirem socialmente através de seus recursos. Por isso, o letramento digital é algo que precisa ser constantemente utilizado nas atividades mais corriqueiras do mundo moderno. (PEREIRA; XAVIER, 2007, CD-ROM sem numeração de página).

A importância da mídia na modernidade advém do fato de que a busca de informação está cada vez mais intensa e a propagação do conhecimento é fator primordial para o desenvolvimento de uma sociedade. Nessa direção, é indubitável a presença da carga ideológica que a mídia carrega. “A mídia contribui com a formação da opinião pública e, conseqüentemente, com as mudanças de condutas/comportamentos sociais.” (XAVIER; NASCIMENTO, 2010, p. 103).

4. A EDUCOMUNICAÇÃO

Um dos fatos mais interessantes na discussão da relação entre leitura e mídia é a atuação no campo da Educomunicação. Tal área busca o diálogo entre Educação e Comunicação a fim de:

Enfatizar a produtividade da utilização de meios da esfera midiática como suportes didáticos. A ênfase está na preocupação em desenvolver no aluno a capacidade de se posicionar criticamente diante da sua realidade social. (XAVIER; NASCIMENTO, 2010, p. 26).

Nesta perspectiva, unem-se a escola e a mídia para a propagação de um conhecimento multi e transdisciplinar, em que as experiências de vida tanto dos professores como dos alunos influem na compreensão e formação de leitores ativos e emancipados.

Proporcionar essa visão ampla no meio Educacional desmistifica a ideia de ensino pautada tão somente na transmissão de conteúdos de uma dada disciplina. Com a Educomunicação surge o intuito de transformar o sujeito aluno em um cidadão ativo e consciente de seus direitos e deveres através dos meios midiáticos. Corroborando, assim, para a aprendizagem, conforme Xavier e Nascimento (2010):

A Educomunicação constitui-se numa abordagem do uso das diferentes mídias na Educação, na tentativa de oportunizar uma aprendizagem significativa. Ela representa uma prática pedagógica mediatizada que oferece um processo de elaboração do conhecimento pautado na interação entre professor, alunos e mídia. (XAVIER E NASCIMENTO, 2010, p. 26).

5. IMPACTOS DA EDUCOMUNICAÇÃO PARA A FORMAÇÃO DE LEITORES CRÍTICOS

Incitar nos sujeitos/alunos o interesse e a leitura do jornalismo digital, particularmente o de cunho político, sugere a formação de sujeitos críticos dentro do âmbito social. São por estas razões, que acreditamos ser de fundamental importância a utilização de recursos midiáticos no ensino. Particularmente, em se tratando de Língua Portuguesa, é essencial ter um ensino de língua que admita que os usos linguísticos se estabelecem em função de processos interativos de linguagem, dialógicos por natureza.

Corroboramos com Xavier e Nascimento (2010) ao afirmar que:

Oportunizar a interface entre Educação e Comunicação configura práticas pedagógicas que tentam articular o uso dos meios e da cultura midiática à escola, na tentativa de promover dentro do espaço da didatização de saberes a leitura crítica do mundo e de suas possíveis representações. (XAVIER E NASCIMENTO, 2010, p. 48).

Nessa perspectiva, a escola, enquanto espaço de socialização e de didatização do conhecimento é o cerne de práticas pedagógicas que influem na ligação da cultura midiática com a educação. Tendo o trabalho docente pautado numa perspectiva Educomunicativa, o âmbito escolar passa a fazer do sujeito-aluno

um coparticipante no processo de ensino/aprendizagem, uma vez que o mesmo torna-se um leitor crítico dos gêneros discursivos.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Acreditamos que a Educomunicação é uma área que aborda, de forma exemplar, os liames imprescindíveis da leitura, da mídia e do ensino. Sob essa ótica, trabalhar o ensino da leitura pautando-se na Educomunicação e nas relações dialógicas da linguagem apresentadas por Bakhtin/Volochinov pressupõe ver o professor, bem como o aluno como agentes ativos nas relações de ensino/aprendizagem. É perceptível, portanto, as abrangentes contribuições destas perspectivas para o ensino de Língua Portuguesa. Uma vez que, desmistifica-se a noção de língua vista apenas como uma estrutura separada da via social de cada indivíduo. Os trabalhos com a leitura e a interpretação passam a girar em torno de uma perspectiva discursiva, fazendo com que os alunos possam utilizar novas estratégias inferenciais no processo de leitura.

Desse modo, ao utilizar dos aparatos midiáticos, as aulas tornar-se-ão atrativas e o interacionismo fará parte do espaço escolar. Assim, ter-se-á uma ação docente pautada não mais em um Paradigma Tradicional, mas sim em um Paradigma Construtivista, no qual o aluno torna-se sujeito ativo no processo de ensino/aprendizagem.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Maria. de Fátima. **O desafio de ler e escrever na escola: experiências com a formação docente.** João Pessoa: Ideia Editora, 2013.

FIORIN, José. Luiz. **Introdução ao pensamento de Bakhtin.** São Paulo: Ática, 2008.

PEREIRA, T. M. A.; XAVIER, M. M. (2007), Letramento Digital: o gênero e-mail como possibilidade interativa no ensino de Língua Portuguesa. In: **Anais do I Colóquio Nacional de Estudos da Linguagem: Linguagem como prática social – fronteiras e perspectivas.** Natal: Artpress, 14 a 16 de novembro de 2007.

POSSENTI, Sírio. Sobre a leitura: o que diz a análise do discurso? In: MARINHO, Marildes (Org.) **Ler é navegar: espaços e percursos da leitura.** Campinas, SP: Mercado de Letras, ALB, 1988.

XAVIER, Manassés. Moraes; NASCIMENTO, Robéria. Nádia. Araújo. **Jornalismo digital na escola: narrativas de uma prática educacional.** Campina Grande, PB,

2010. 209 f. Monografia (Trabalho de conclusão de curso). Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, PB, 2010.